

## A FILOSOFIA DO ACONTECIMENTO EM DELEUZE

Edson Peixoto Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva analisar o conceito de Acontecimento como aparece na obra de Gilles Deleuze, sobretudo em *Lógica do Sentido*. Inicialmente apresentaremos o conceito de acontecimento como ponto central da *Lógica do Sentido* o qual, segundo o filósofo francês, está presente na filosofia estóica e leibniana. Sendo assim, discutiremos a respeito da teoria estóica dos incorporais, tendo como parâmetro os estudos de Émile Bréhier, bem como, a leitura que Deleuze faz de Leibniz no tocante ao “acontecimento”. Por fim, discorreremos a respeito das implicações lógico-filosóficas e de linguagem que o referido conceito acarreta.

**Palavras-Chave:** Lógica; Filosofia; Linguagem; Acontecimento.

**Abstract:** This paper intends to analyse the concept of Happening as it appears in Gilles Deleuze's work, especially in *Logic of Sense*. Initially, we will introduce the concept of happening as central point in *Logic of Sense* which, according to the french philosopher is present in stoic and leibnizian philosophy. Therefore, we will discuss the stoic theory about incorporals, having Émile Bréhier studies as parameters, as well as Deleuze's reading about Leibniz in relation to the "happening". Lastly, we will talk about logic and philosophical implications as well as the language the refered concept entails.

**Keywords:** Logic; Philosophy; Language; Happening.

### 1 Introdução

O presente trabalho objetiva analisar o conceito de Acontecimento como aparece na obra de Gilles Deleuze, sobretudo em *Lógica do Sentido*. Inicialmente, apresentaremos o conceito de acontecimento como ponto central da *Lógica do Sentido* o qual, segundo o filósofo francês, está presente na filosofia estóica e leibniziana. Sendo assim, discutiremos a respeito da teoria estóica dos incorporais, tendo como parâmetro os estudos de Émile Bréhier, bem como, a respeito da leitura

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, edsonpsique@yahoo.com.br

que Deleuze faz de Leibniz no tocante ao “acontecimento”. Por fim, discorreremos a respeito das implicações lógico-filosóficas e de linguagem que o referido conceito acarreta.

Para iniciar nossa apresentação, é importante falar a respeito da história do conceito de Acontecimento, conforme proposta por Deleuze em *Exasperación de la filosofía*. Para este filósofo, a primeira grande filosofia do acontecimento é a dos estóicos. Ele mostra que mesmo havendo em Aristóteles alusões ao acontecimento, o termo acontecimento em Aristóteles não é um conceito, mas uma noção derivada dos conceitos de sua filosofia. Desse modo, para Deleuze, a primeira grande afirmação do conceito de acontecimento se dará com os estóicos (DELEUZE, 2006,p.184). O segundo filósofo que irá retomar o problema e o conceito de acontecimento será Leibniz e, por fim, com Whitehead teremos um terceiro momento em que tal conceito será apresentado (DELEUZE, 2006). Mas o que é o acontecimento?

Destarte a constatação da presença do conceito de acontecimento em toda a obra *Lógica do Sentido*, é na vigésima primeira série, que Deleuze discorre especificamente sobre ele. Este capítulo de *Lógica do Sentido* está dividido em três partes, a saber, o conceito de acontecimento; o aspecto temporal do acontecimento e o acontecimento enquanto singularidades.

## 2 O que é Acontecimento?

Para apresentar o conceito de acontecimento, Deleuze discorre a respeito de três aspectos, a saber, o fato de que “ele [o acontecimento] é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece” (DELEUZE, 2015, p. 152). O que ele quer dizer com isso?

Primeiro, o acontecimento deve ser compreendido. Logo no início do capítulo, Deleuze apresenta o acontecimento como um incorporal no sentido estóico. Para fazer isso, cita Joe Bousquet, o qual escreve uma meditação a respeito da ferida, do acontecimento e da linguagem<sup>2</sup>. Para Deleuze, a ferida que ele – Bousquet - traz em seu corpo, é apreendida “na sua verdade eterna como acontecimento puro, no entanto, e tanto mais que” (Id., 2015, p.151). O exemplo da ferida, citado por Deleuze logo no início da série, tem a função de recordar o que ele já dissera em séries anteriores a respeito dos incorporais estóicos e do acontecimento como incorporal. Nesse sentido, ao que parece, o objetivo central do exemplo citado por Deleuze é demarcar o acontecimento como um efeito de superfície, um incorporal, uma “quase-causa”, alguma coisa (*aliquid*) que acontece e que, por sua vez, não se reduz nem às coisas nem às proposições, mas só pode ser apreendido no instante mesmo em que acontece. Isso equivale a dizer que o acontecimento é incorporal. Na

<sup>2</sup> Cf. nota 1 da vigésima primeira série de *Lógica do sentido* (DELEUZE, 2015, p. 151).

segunda série de *Lógica do Sentido*, ao falar dos acontecimentos como efeitos de superfície, Deleuze discorre sobre os incorporais dizendo que eles “são efeitos, não são corpos, mas propriamente falando, ‘incorporais’. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos” (DELEUZE, 2015, p. 5). De acordo com o filósofo, os incorporais são efeitos de superfície, atributos lógicos e acontecimentos. No entanto, ao se falar em acontecimento como incorporeal há de se ter o cuidado de perceber que os acontecimentos se efetuam, se encarnam nas coisas e estados de coisas e são expressos nas proposições. Segundo o filósofo,

Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de que? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Estes efeitos não são corpos, mas, propriamente falando, “incorporais”. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos (Id., 2015, p. 5)

O acontecimento é um incorporeal, é um efeito de superfície que pode ser apreendido como “um vapor nos campos” ou até mesmo, menos do que um vapor, considerando que o vapor, na concepção estoíca, seria considerado um corpo (Id., 2015, p. 6), desse modo, a respeito dele, não se podem construir definições identitárias, isto é, ele não se confunde com a designação, manifestação ou significação, mas é sempre alguma coisa de que só podemos dizer o que se apreende do seu acontecer no instante em que acontece, daí ser atributo verbal. Do acontecimento não se podem extrair definições e predicados, mas o que se pode dizer é sempre no infinitivo, como por exemplo, crescer, diminuir, avermelhar, verdejar, cortar ou ser cortado (Id., 2015, p. 6).

De acordo com Schopke (2012), na obra *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*, compreender o acontecimento como *aliquid*, que traz em si uma verdade eterna, é identificá-lo ao sentido que não pode ser confundido com um objeto mental, mas, por sua vez,

[...] está entre os incorporais estoicos, ou seja, ele é um quase-existente (um ti). Daí por que ele não pode ser apreendido por nossa sensibilidade. O sentido é um acontecimento puro, uma *relação*<sup>3</sup> (uma vez que pressupõe um encontro de corpos), e, por esta mesma razão, ele só pode ser objeto do nosso pensamento. A “estrela da manhã” e a “estrela da tarde” têm o mesmo referente, mas, como efeito de suas relações com os outros corpos, elas se apresentam diferenciadas (Id., 2012, p. 182).

Como vimos, o acontecimento identifica-se à dimensão do sentido e, assim, ele só pode ser apreendido pelo pensamento. Em outras palavras, o sentido-acontecimento pode ser acessado pelo pensamento que, de alguma forma, traz a seu respeito uma compreensão, mas em si mesmo, ele não se reduz a nenhuma das relações da proposição e desse modo, não pode ser reduzido a nenhuma

---

3 Grifo da autora.

definição ou predicado. O acontecimento, enquanto incorporal, pode ser identificado à dimensão do sentido que é, no dizer de Deleuze, a quarta dimensão da proposição que, por sua vez, não se reduz às outras relações da proposição (designação, manifestação, significação), mas, por sua vez, como que as engendra e possibilita, mas só pode ser apreendido em si mesmo quando se quebra o círculo da proposição uma vez que ele não é representação das coisas ou estados de coisas, mas, como dissemos anteriormente, é aquilo que acontece aos corpos e se expressa nas proposições<sup>4</sup>.

Segundo, o acontecimento “deve ser querido” (DELEUZE, 2015, p. 152). De acordo com Deleuze, os acontecimentos se efetuam em nós, nos esperam, nos aspiram e nos “fazem sinal”. Este sinal, em Bousquet, será a sua ferida: “minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la” (Id., 2015, p.151). Mas o que seria encarnar a ferida enquanto acontecimento? O próprio Bousquet, citado por Deleuze, traz a pista de resposta: “tudo estava no lugar nos acontecimentos de minha vida antes que eu os fizesse meus; e vivê-los, é me ver tentado a me igualar a eles” (Id., 2015, p.151). A isto Deleuze chamará “ser digno do acontecimento” e, para ele, seria este o único sentido da moral. Ao que parece, uma moral que não se delimita pelas categorias do “é”, da identidade e que estaria relacionada a uma certa leitura que faria de Leibniz, e sobre a qual discorreremos mais adiante.

Mas o que significa não ser indigno do acontecimento? Ou, para formular a questão de outro modo, O que é ser digno do acontecimento? A resposta se relaciona à segunda característica que Deleuze aponta para o acontecimento: o acontecimento deve ser querido.

Para Deleuze, não ser indigno do acontecimento significa querer o acontecimento. Interessante notar que este querer aqui parece estar relacionado ao que ele falou precedentemente a respeito da moral. E Deleuze irá dizer que isso é, em primeiro lugar, captar a verdade eterna do acontecimento (Id., 2015, p.152) o que necessariamente não equivale a querer aquilo que acontece, como por exemplo, diz Deleuze, querer a guerra ou o ferimento ou até mesmo a morte. Querer o acontecimento significa, para o filósofo francês, querer “alguma coisa *no* que acontece, alguma coisa a vir de conformidade ao que acontece” (Id., 2015, p.152), este é justamente o processo de síntese disjuntiva. Em todos os lances das singularidades abrem-se possibilidades diversas de efetuação. Dito de outro modo, nada está dado previamente como se fosse um destino cego e imutável, pelo contrário, todas as possibilidades estão dadas e o processo de efetuação, como num lance de dados, abre continuamente novas possibilidades de configurações. Uma melhor

---

4 Cf. Terceira Série de *Lógica do sentido* (DELEUZE, 2015, p. 13-23)

compreensão desse ponto será possibilitada quando analisarmos os postulados deleuzeanos a respeito das singularidades.

Terceiro, o acontecimento deve ser representado. Em seu pensamento, “o brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido” (DELEUZE, 2015, p. 152), mas como entender isso? O filósofo acrescenta: “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (Id., 2015, p. 152). Aqui, ao que parece, há um certo rompimento com a tradição centrada na categoria de essência e acidente e a instauração do acontecimento, que será simbolizado pelo verbo no infinitivo, e pela substituição da cópula “é” pela conjunção “e”. Na verdade, Deleuze irá postular a respeito da síntese disjuntiva. E esse, é o caminho adotado para se postular a respeito do sentido entendido aqui como uma intenção de encontrar o acontecimento não em categorias fixas, em identidades determinadas, mas no próprio acontecer (a árvore verdeja), apreendendo daí, os sinais de superfície – como incorporais que são – dos quais os acontecimentos são o expresso. Desse modo, ao que parece, o sentido nunca é algo do qual se pode dizer é isto, ou é isto que aconteceu, mas, o sentido decorre do acontecimento que, por sua vez, é o expresso naquilo que acontece, no exato momento em que acontece.

De acordo com Schopke,

[...] o grande objetivo de Deleuze é “libertar” a *diferença* das antigas malhas da representação – que tende a transformá-lo em um puro conceito do entendimento, uma forma vazia, sem qualquer vínculo com suas múltiplas manifestações. Na verdade, a diferença – submetida às regras da identidade e da semelhança – torna-se passível de ser “estabelecida” porque obedece aos critérios rígidos do raciocínio lógico e representativo (2012, p. 22)

Em outras palavras, Deleuze pretende inaugurar um movimento em que a diferença não esteja condicionada às ditas regras do raciocínio lógico ou representativo que, por sua vez, façam com que a diferença seja pensável dentro dos “liames da representação”, a saber, “a identidade no conceito, a oposição ao predicado, a analogia no juízo e a semelhança na percepção” (SCHOPKE, 2012, p. 22). Nesse contexto, o movimento deleuzeano leva a diferença a perder-se no infinito, apresentando-na em sua realidade “profunda e desagregadora” a qual, “desconhece tudo aquilo que não participa das duas grandes ordens: a ordem da semelhança entre os sujeitos e a da equivalência entre os termos” (Id., 2012, p. 23). E esse movimento é, justamente, o do sentido-acontecimento que, num estágio mais avançado da filosofia deleuzeana, será conhecido por conceito<sup>5</sup> que, por sua vez, é alguma coisa que pode ser pensada fora da representação por se tratar de “um incorporeal”, isto é, de “um acontecimento puro”. Nesse sentido, “como um incorporeal, o conceito tem um

5 A respeito do conceito cf. *O que é a filosofia?* (DELEUZE & GUATTARI, 1992).

espécie de ‘subsistência’ ou ‘insistência’ no tempo” e, assim, “como todo acontecimento, ele tem uma dualidade: ele aponta, ao mesmo tempo, para as proposições (sem as quais ele não seria passível de expressão) e para os corpos (nas suas efetuações espaço-temporais)” e acrescenta, “em suma, o conceito diz ‘o acontecimento e não a essência ou a coisa’” (Id., 2012, p. 23). Desse modo, uma vez que o acontecimento é um conceito, não estamos no campo da representação e sim num campo transcendental superficial<sup>6</sup> em que se distribuem singularidades que, ao mesmo tempo em que acontecem aos corpos são expressos em proposições.

Como vimos, o acontecimento está profundamente relacionado à filosofia estóica e isso justifica tecer algumas filosofias a respeito da mesma.

### 3 O tempo do acontecimento

A ideia de acontecimento está no centro da filosofia estóica e determina um novo campo da lógica, a saber, o do fato ou do acontecimento. Se na lógica de Aristóteles, o conceito constituía a realidade de tal lógica e era o “elemento primordial” da mesma (BRÉHIER, 2012, p.35), para os estóicos o conceito difere tanto da representação quanto da noção. “O conceito, para os estóicos, é o exprimível (*lékton*)” (Id., 2012, p. 35). Mas o que vem a ser um exprimível? O exprimível é um intermediário entre o pensamento e a coisa. Vê-se um objeto e se pensa um nome para ele. O nome é um exprimível que é atribuído ao objeto (à coisa), mas em nada modifica a coisa. Há uma diferença entre o objeto (coisa) em si e o objeto significado pelo exprimível. Isso difere da lógica aristotélica que, por sua vez, é predicativa e conceitual (BRÉHIER, 2012, p. 36).

Enquanto na lógica aristotélica o pensamento era identificado com o objeto, para os estóicos tanto o pensamento quanto as palavras são corpos e, por sua vez, possuem natureza independente e unidade. Desse modo, não existe uma relação intrínseca entre a palavra e a coisa e não se pode confundir uma com outra. As palavras não traduzem essências e uma mesma palavra pode designar várias coisas. Nesse sentido, os elementos da lógica, a saber, os atributos, os julgamentos e as ligações de julgamento, não podem ser reduzidos às coisas uma vez que, há o plano das palavras e o plano das coisas. Um não pode se confundir com o outro, ou ser reduzido ao outro (Id., 2012, p. 36).

Para entender isso, há de se refletir sobre três pontos: o significado, o exprimível e o expresso. Há a coisa que é expressada, o exprimível, e o significado (que também é um exprimível). O exprimível deve ser expresso, isto é traduzido com palavras. Mas, o exprimível é diferente do significado. Enquanto o expresso é predicado do exprimível, ou seja, se refere ao exprimível, mas

---

<sup>6</sup> A respeito do campo transcendental superficial cf. décima sétima série de *Lógica do sentido* (DELEUZE, 2015, p. 123-130).

não é o significado, o significado, por sua vez, mesmo sendo um exprimível, é um predicado do objeto (BRÉHIER, 2012, p. 37-38). Por exemplo, há a coisa e o seu significado. Há o que se apreende da coisa, há o que se diz dela, e há o significado do que se diz dela. Nesse sentido, o que é dito e o dizer estão num plano enquanto que a coisa em si está em outro.

Segundo Bréhier, quando se fala em representação, podemos entendê-la de dois modos, a saber, a representação comum (que adviria de uma marca do objeto na alma) e a representação racional (que, segundo os estóicos, seria mais espontânea uma vez que não advém dos objetos que marcam a alma, mas da apreensão da alma sobre os objetos) que, por sua vez, seria o *lékton* (exprimível). Por outro lado, haveriam os exprimíveis completos (onde o verbo não é acompanhado do sujeito) e os exprimíveis incompletos (em que o verbo é acompanhado do sujeito) (Id., 2012, p. 39).

Nos estoicos, o sujeito do juízo é sempre singular. Os juízos podem ser definidos, indefinidos e exprimíveis. Os exprimíveis seriam como o lugar, que é efeito de tensão ou ação dos corpos. Eles seriam noções obtidas segundo uma transição, de uma passagem, de uma ação de modo que, somente na ação, é possível apreender o incorporal. No momento mesmo em que acontece é que ele pode ser passível de apreensão. Ele é incorporal e difere das representações. A força interna dos corpos se manifesta na superfície. É o incorporal, exprimível incompleto ou atributo.

Esses exprimíveis nem são algo que existe fisicamente (real), nem algo que existe no pensamento. Desse modo, tanto o real quanto o atributo lógico são incorporais, assim, não podem ser vistos como propriedades e sim, como ação (BRÉHIER, 2012, p.42).

Mas como coincidir o que é dito com a coisa mesma da qual é dita, isto é, o real com o lógico? A solução estóica é a adoção da postura dos megáricos, a saber, evitar a cópula *é*. Desse modo, não se faz uma conceituação, não se procura a penetração de seres impenetráveis, mas o efeito da ação de um objeto sobre outro. Em suma, essa lógica se ocupa dos acontecimentos. Na lógica estóica o que se procura são as diversas maneiras pelas quais o acontecimento se exprime. O que eles se ocupam não é com essências ou acidentes e sim, com os acontecimentos. Na lógica estóica não se procura a realidade como algo passível de uma definição, mas o centro do real é deslocado de modo que tudo se torna *Kategorema*, isto é, algo irreal e incorporal. Desse modo, não há possibilidade de se construírem definições. O ser está sempre produzindo e, por outro lado, tudo é transitório e acidental, por isso, não há possibilidade de conceituação. O pensamento não está vinculado ao objeto como algo necessário e os atributos são exprimíveis. Por sua vez, o exprimível é modalidade do fato e do acontecimento (Id., 2012, p. 43).

Partindo da compreensão desses elementos estóicos, Deleuze fala a respeito do tempo do acontecimento. Para isso, estabelece uma relação de oposição, no que tange à leitura do tempo, a saber, cronos e o Aion. O tempo do acontecimento é o Aion. Assim sendo, o filósofo fala a respeito da dupla estrutura do acontecimento: “em todo acontecimento existe realmente o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa”(DELEUZE, 2015, p. 154), mas há também

[...] o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente [...] que não há outro presente além daquele do instante móvel que o representa, sendo desdobrado em passado-futuro, formando o que é preciso chamar contra-efetuação (Id., 2015, p. 154).

Do que foi dito, entende-se que há o momento da efetuação do acontecimento, que é o momento do acontecimento no instante mesmo em que está acontecendo ou que está sendo efetuado. No entanto, este presente do acontecimento, que é o instante móvel que o representa, também, se desdobra em passado e futuro naquilo que Deleuze chama, em outro lugar de *Lógica do Sentido*, de a linha do Aion em que,

[...] por sua subdivisão ilimitada nos dois sentido ao mesmo tempo, cada acontecimento acompanha o *Aion* em toda sua extensão e torna-se coextensivo à sua linha reta nos dois sentidos. Sentimos então a aproximação de um eterno retorno que não tem mais nada a ver com o ciclo ou já a entrada de um labirinto, tanto mais terrível quanto mais ele é o da linha única, reta e sem espessura? O *Aion* é a linha reta que traça o ponto aleatório; os pontos singulares de cada acontecimento se distribuem sobre esta linha, sempre relativamente ao ponto aleatório que os subdivide ao infinito e assim faz com que se comuniquem uns com os outros, estende-os e estira-os por sobre toda a linha. Cada acontecimento é adequado ao *Aion* inteiro, cada acontecimento comunica com todos os outros, todos formam um só e mesmo Acontecimento, acontecimento do *Aion* onde têm uma verdade eterna (DELEUZE, 2015, p. 66-67, grifo nosso).

Desse modo, o campo transcendental é a linha de superfície do *Aion* em que se distribuem as singularidades e onde acontecem as efetuações. É nesse sentido que se pode falar de verdade eterna do acontecimento, considerando-se que todas as possibilidades e efetuações estão dadas na mesma linha superficial e mantém entre si comunicação contínua. Nesse contexto, “cada acontecimento é o menor tempo, menor que o mínimo de tempo contínuo pensável, porque ele se divide em passado próximo e futuro iminente” (DELEUZE, 2015, p. 66), em outras palavras, é o acontecimento no instante mesmo em que acontece.

Quando se fala da relação temporal do acontecimento somos levados a pensar em dois elementos caros a Deleuze: o devir e os paradoxos. Já na primeira série de *Lógica do Sentido*, o autor francês introduz os dois conceitos citando Carroll em *Do outro lado do espelho*:



[...] quando digo ‘Alice cresce’, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se torna um e outro (Id., 2015, p. 1).

São dois conceitos fundamentais para se entender o acontecimento: o devir e o paradoxo. O devir é a propriedade de furtar-se ao presente não distinguindo contudo, o passado e futuro, desse modo, o devir puxa “nos dois sentidos ao mesmo tempo”(DELEUZE, 2015, p.1), e é nesse puxar nos dois sentidos que se tem o paradoxo. Não há um presente do qual se possa dizer que Alice está grande. Tem-se uma expressão como “Alice cresce” se tornando menor e Alice se torna menor à medida em que cresce. Devir e paradoxo.

O paradoxo se refere à relação entre *Aion* e sentido. Segundo Deleuze,

O sentido é sempre um efeito produzido nas séries pela instância que as percorre. Eis porque o sentido, tal como é recolhido sobre o *Aion*, tem ele próprio duas faces que correspondem às faces dissimétricas do elemento paradoxal: uma, voltada para a série determinada como significante; a outra, voltada para a série determinada como significada (DELEUZE, 2015, p. 83).

Como vimos, há uma relação entre o elemento paradoxal e a questão temporal que, por sua vez, permitem falar em série significantes e significadas e também em devir e acontecimento. mas qual a relação entre devir e acontecimento? Deleuze diz que “o devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito”(Id., 2015, p. 9).

Vejam: primeiro, futuro e passado: “o futuro e o passado, o mais e o menos, o muito e o pouco, o demasiado e o insuficiente *ainda*, o já e o *não*” (Id., 2015, p. 9), para o filósofo essas relações se dão pelo fato de que “o acontecimento, sendo infinitamente divisível, é sempre *os dois ao mesmo tempo*, eternamente o que acaba de se passar e o que vai se passar, mas nunca o que passa (cortar demasiado profundo mas não o bastante)” (Id., 2015, p. 9); segundo, ativo e passivo. Para Deleuze, o acontecimento, uma vez que é impassível, não é nem ativo e nem passivo “mas seu resultado comum (cortar- ser cortado)” (Id., 2015, p. 9); terceiro, a causa e o efeito. Uma vez que os acontecimentos são efeitos, efeitos de superfície, pode “entrar em funções de quase-causa ou de relações de quase-causalidades sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz)” (Id., 2015, p. 9).

Para o autor francês “o acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez é coextensivo à linguagem; o paradoxo é, pois, essencialmente ‘sorite’, isto é, série de proposições interrogativas procedendo segundo o devir por adições e subtrações sucessivas”(Id., 2015, p. 9) e acrescenta “tudo se passa na fronteira entre as coisas e as proposições”(Id., 2015, p. 9), nesse

contexto, “o paradoxo aparece como destituição da profundidade, exibição dos acontecimentos na superfície, desdobramento da linguagem ao longo deste limite”(Id., 2015, p. 9).

#### 4 As singularidades

Um terceiro ponto abordado por Deleuze se refere às singularidades do acontecimento. Para ele “não há acontecimentos privados e outros coletivos; como não há individual e universal, particularidades e generalidades. Tudo é singular e por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular e geral, nem individual nem universal” (DELEUZE, 2015, p. 155). E por que isso se dá? Porque dependendo da maneira como os pontos singulares se ligam, acontecem alterações que saem do nível do individual e atingem o coletivo. Nesse contexto, os questionamentos que Deleuze levanta, servem para exemplificar. Ei-los: “qual guerra não é assunto privado, inversamente qual ferimento não é de guerra e oriundo da sociedade inteira?” e ainda: “que acontecimento privado não tem todas as suas coordenadas, isto é, todas as suas singularidades impessoais sociais?” (Id., 2015, p. 155).

O caráter singular do acontecimento fica mais claro quando adentramos na leitura que Deleuze faz de Leibniz e que, se encontra, em grande parte, presente na obra *Exasperación de La Filosofía e A dobra: Leibniz e o barroco* que, por sua vez, são o resultado do conjunto de aulas dadas por Deleuze nos anos 1980, 1986 e 1987. Nessas obras, dentre outras coisas, Deleuze estabelece as relações de semelhança e diferença entre sujeito, predicado e acontecimento. Para ele, em Leibniz o predicado, o acontecimento e a relação são a mesma (DELEUZE, 2006, p. 184-185) e respondendo aos críticos diz que, em sua opinião, aquilo que Leibniz chama um predicado seria justamente o que chamaríamos de relação (Id., 2006, p. 185), daí a leitura equivocada de Leibniz que, por sua vez, pretende encontrar uma inerência do predicado com relação à mônada expressiva. E então, à questão ‘o que é o predicado?’ ele responde que os predicados são as relações, isto é, os acontecimentos (Id., 2006, p. 186). Para justificar isso, ele fala a respeito das proposições de existência e afirma que aquilo que Leibniz chama de predicado na verdade é um verbo, e uma vez sendo verbo, é um acontecimento uma vez que, o verbo seria o índice do acontecimento (Id., 2006, p. 187). Para Deleuze, de acordo com a leitura de Leibniz, os predicados não são atributos nem adjetivos, mas são verbos. E o verbo, nesse contexto, teria o caráter de um acontecimento (DELEUZE, 2006, p. 187). Como entender isso? Deleuze diz que Deus não criou as mônadas, isto é, Deus não criou as noções individuais e sim, criou o mundo. Nesse sentido, para Deleuze, Deus não teria criado a Adão pecador, mas ao mundo em que Adão pecou (Id., 2006, p. 187). Desse modo, não há identidade fixa e qualidades individuais determinadas. Para Deleuze, existem as

várias possibilidades de efetuação do acontecimento. Dependendo da forma como se dão os agenciamentos das singularidades é que veremos o desenrolar da história.

A leitura que Deleuze faz da filosofia de Leibniz lhe permite entender que o início de tudo se dá com o mundo compreendido enquanto série de inflexões, aum o mundo seria essas inflexões, ou seja, aquilo que, ao acontecer, permitiria a singularização dos indivíduos. Dito de outro modo, um mundo seria séries de inflexões (acontecimentos) ou emissão de singularidades. E tudo isso estaria de acordo com ordinários ou regulares<sup>7</sup>, constituídos no entendimento divino. Dito de outro modo, tudo estaria de acordo com a ordem ou a regularidade dispostas por Deus para determinado mundo (Id., 2009, p. 105)

Mas o que seriam as singularidades? No entendimento de Deleuze, uma singularidade se constitui como alguma coisa (*aliquid*) que, por sua vez, estaria rodeada por uma nuvem espessa cuja composição seriam ordinários ou regulares. A partir desta nuvem é que seria possível erigir pontos de inflexões ou de singulares. Nesse contexto, as singularidades aconteceriam no ato de ereção de tais pontos<sup>8</sup>. Para Deleuze, um ponto singular seria a coincidência entre dois pontos ordinários (Id., 2009, p. 106), ou seja, dentre todas as opções dadas em determinado mundo haveria o encontro de pontos singulares que, por seu turno, promoveriam a individuação ou a singularidade.

## 5 O acontecimento, o conceito e a filosofia

Para Deleuze, o conceito é um acontecimento. Ele é um incorporeal, no sentido estóico, no entanto, se encarna, isto é, se efetua nos corpos sem, contudo, se confundir “com o estado de coisas no qual se efetua”(DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 32). O conceito, dessa forma, não pode ser confundido com uma proposição, uma vez que “as proposições definem-se por sua referência, e a referência não concerne ao Acontecimento, mas a uma relação com o estado de coisas ou de corpos, bem como às condições desta relação” (Id., 1992, p. 35). Então, enquanto acontecimento, o que seria o conceito? Deleuze responde: “os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder” (Id., 1992, p. 35). Não há um referente. O conceito não está atrelado à cópula “é”, não há uma definição. Ele atua como centro de vibração, em relação com outros conceitos e em relação aos problemas dos quais decorre. Para Deleuze, “um conceito tem sempre a verdade que lhe advém em função das condições de sua criação” (Id., 1992, p.40) e quais seriam essas condições? Os problemas e o plano no qual é criado.

---

<sup>7</sup> Cf nota 73.

<sup>8</sup> Ao que parece, Deleuze está se referindo aos pontos de inflexão que conduzirão à síntese disjuntiva.

A tarefa da filosofia, segundo Deleuze, seria a de “destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres” (Id., 1992, p. 40) e ela faz isso quando cria conceitos os quais, por sua vez, cortam o acontecimento à sua maneira. Dessa forma, diz o filósofo francês, “a grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos” (Id., 1992, p. 47).

## 6 Considerações

A primeira constatação que podemos fazer a partir da filosofia do acontecimento de Deleuze é que o acontecimento é um efeito de superfície, um incorporal. Não se trata de estados de coisas, de identidades fixas, de qualidades, e sim, de algo que aponta para outra coisa, um efeito, uma marca, como a cicatriz que faz pensar na ferida. Os acontecimentos não são corpos, não são qualidades nem propriedades. São atributos lógicos ou dialéticos. Eles também não são estados de coisas.

Há uma implicação moral na filosofia do acontecimento que é formulada por Deleuze em termos de “querer o acontecimento”. Para o filósofo francês, este “querer” se relaciona com a busca do sentido “naquilo que acontece” o que nos leva a pensar que, nessa filosofia, a preocupação não está centrada nas definições e sim, no sentido, isto é, com aquilo que está presente, que pode ser abstraído do acontecimento. Isso faz romper com as categorizações da lógica clássica. Deleuze irá dizer que “o que é verdadeiramente imoral é toda utilização das noções morais, justo, injusto, mérito, falta” (DELEUZE, 2015, p. 152).

Deleuze propõe a substituição da cópula “é” pela conjunção “e”. Ao fazer isso, cria o conceito de síntese disjuntiva, se referindo àquelas palavras que, em si mesmas, apontam para mais de uma possibilidade de compreensão válida.

Na filosofia estoíca, se tem o exprimível como intermediário entre o pensamento e a coisa, o que difere de Aristóteles que tem uma lógica predicativa e conceitual. Há, então, em Deleuze, ao ler os estoícos, uma ruptura com a necessidade do referente. Uma palavra pode designar várias coisas. Tem-se em vista que o exprimível não é o significado.

O verbo no infinitivo. É uma nova forma de representar. Só na ação é possível apreender o incorporal. O acontecimento é o que acontece, no momento mesmo em que acontece. O real e o atributo lógico são incorporais e assim, não podem servir como propriedades e sim, como ação.

Encontramos também uma nova forma de enxergar o tempo. Não mais as distinções entre passado, presente e futuro, mas como uma linha em que o passado e o futuro, decorrem do presente e se estendem na direção oposta ao infinito.

Certamente, esta filosofia pode ser resumida na fórmula: tudo se passa na fronteira entre as coisas e as proposições. Não há definições, mas a busca de sentidos. Os predicados são verbos e, portanto, acontecimentos.

O acontecimento se relaciona aos problemas e, portanto, está na gênese da construção dos conceitos, fundamentando o fazer filosófico.

## 7 Referências

BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Tradução Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho; transliteração e tradução do grego Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção Filô).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *El Leibniz de Deleuze: exasperación de la filosofía* – 1ª ed. – Buenos Aires: Cactus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. (Estudos 35)

\_\_\_\_\_. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.